

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROF.º ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

NARA LÍVIA CARVALHO DA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA: REVENDO MÉTODOS E ESTRATÉGIAS PARA
DESENVOLVÊ-LA**

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M321
CDD 418.007
CUTTER 5 586p
V _____ EX. 01
Data 14 / 10 / 10
Visto: Carvalho

PARNAÍBA

2010

]

NARA LÍVIA CARVALHO DA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA: REVENDO MÉTODOS E ESTRATÉGIAS PARA
DESENVOLVÊ-LA**

Monografia apresentada ao programa de curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Especialista Luciane Viana Duarte Melo.

PARNAÍBA

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

S586p Silva, Nara Livia Carvalho da

A Prática da leitura: revendo métodos e estratégias para desenvolvê-la / Nara Livia Carvalho da Silva. – Parnaíba, 2010.
39 f.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2010.

Orientadora: Prof. Esp. Luciane Viana Duarte Melo.

1. Leitura. 2. Leitura – Ensino (Ensino Fundamental). 3. Aprendizagem da Leitura. I. Título.

CDD – 372.4

NARA LÍVIA CARVALHO DA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA: REVENDO MÉTODOS E ESTRATÉGIAS PARA
DESENVOLVÊ-LA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Estadual do Piauí, como pré-
requisito para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Luciane Viana Duarte Melo/UESPI
Orientadora

Maria do Carmo de Fontenele/UESPI
Examinador Interno

Roberto Fernandes Souza/ Pedagogo e Letrado/ Servidor Público: Governo do Estado
Examinador Externo

À Deus, por me permitir concluir com louvor minha pesquisa, à minha família que esteve ao meu lado nos momentos em que eu mais precisei, aos meus professores que me ensinaram a beleza da arte de ensinar, aos meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram para que a minha pesquisa fosse realizada.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola, localizada na cidade de Parnaíba, a qual teve como seu objetivo geral investigar de que maneira os professores do Ensino Fundamental I trabalham a leitura com os educandos. A partir desse objetivo visamos ainda identificar as práticas que possibilitam o desenvolvimento da leitura e verificar se a prática das professoras pesquisadas favorecem esse desenvolvimento. A leitura é o que torna os humanos diferentes, e pensando nisso na qualidade em que ela é desenvolvida é que tivemos a opção de fazermos uma pesquisa qualitativa em que os dados recolhidos são interpretados mediante a análise do questionário e da observação e teve como foco central, na prática das professoras do Ensino Fundamental I. Como principais teóricos da Linguística que estão presentes durante o percurso da pesquisa estão: Ezequiel Teodoro da Silva (2003), Maia Marly (2007), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Fundamental I; Leitura; Linguística.

ABSTRACT

This work is the result of a survey conducted in one school, located in the city of Parnaíba, which had as its objective to investigate how elementary school teachers I work with reading with students. From this cultural relics we aim to further identify the practices that enable the development of reading and verifying if the practice of the teachers surveyed favor this development. Reading is what makes humans different, and thinking about it as she's developed is that we had the option of doing a qualitative research in which data collected are interpreted by the analysis of the questionnaire and observation and focused on central the practice of teachers of elementary school I. As main theoretical linguistics, that are present during the course of the study are: Ezekiel Teodoro da Silva (2003), Maia Marly (2007), among others.

KEY-WORDS: Elementary School I, Reading; Linguistics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – TRILHANDO E REVENDO OS METODOS UTILIZADOS PARA A PESQUISA SOBRE A PRATICA DA LEITURA.....	10
1.1 A METODOLOGIA UTILIZADA	10
1.1.1 PESQUISA QUALITATIVA	11
1.1.2 CONTEXTO EMPIRICO	12
1.1.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA	12
1.1.4 OS INSTRUMENTOS E TECNICAS UTILIZADOS NA PESQUISA	13
1.1.4.1 OBSERVAÇÃO	13
1.1.4.2 QUESTIONÁRIO	14
1.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE	15
CAPITULO II – A PRÁTICA DA LEITURA.....	16
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA LEITURA	16
2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUISTICA NO ENSINO DE LEITURA	19
2.3 A LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR	21
2.4 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR	22
2.5 A FORMAÇÃO LEITORA: OS MÉTODOS E ESTRATÉGIAS UTILIZADOS PARA DESENVOLVER A LEITURA	25
CAPÍTULO III – ANALISANDO O CAMINHO PERCORRIDO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	36

INTRODUÇÃO

Dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional-(INAF) mostram que, independentemente do grau de escolarização, os brasileiros apresentam dificuldades em entender o enunciado de uma questão e, mais ainda, em interpretar o que lêem. Nem sempre conseguem relacionar texto e contexto, fazendo inferências a fim de alcançarem o sentido global do texto:

O Brasil ainda é um país que sofre com a deficiência no ensino público e com alto índice de analfabetismo funcional (aqueles que, embora tenham aprendido a decodificar a escrita, não desenvolveram a habilidade de interpretação de texto), há uma necessidade do incentivo ao hábito da leitura.

A primeira dificuldade que o professor enfrenta ao tentar trabalhar com os alunos, é utilizar estratégias de leitura que os levem a uma interpretação crítica, é despertar neles o gosto pela leitura.

Dentre as relações mais comuns entre os professores está: - os meus alunos não gostam de ler e escrever. Por que a leitura ocupa um lugar cada vez menor no cotidiano das pessoas?

Final, o que falta para um aluno saber ler? Diante de tantas diferentes formas de ensinar e aprender, fica difícil o professor definir uma forma de ensinar. Ninguém gosta de fazer algo que acredita ser difícil demais, nem aquilo de que não consegue extrair sentido. É dessa forma que, geralmente, a tarefa de ler é vista e vivida em sala de aula: difícil demais, porque não faz sentido.

Vendo a dificuldade dos docentes em incentivar esse interesse nos discentes, que fazemos à pergunta: De que forma os professores vêm trabalhando a leitura com os educandos do ensino fundamental I?

O presente trabalho tem como objetivo geral: Investigar de que maneira os professores do Ensino Fundamental I, trabalham a leitura com os educandos. E como objetivos específicos: Conhecer os fundamentos teóricos para o desenvolvimento da leitura na escola; Identificar as principais atividades utilizadas pelos professores do ensino fundamental I para trabalhar a leitura em sala de aula; Analisar o trabalho utilizado pelos professores para o desenvolvimento da leitura na escola.

×Sabe-se que a leitura possibilita a criança sonhar, imaginar, narrar, criar, conhecer-se e conhecer os outros, ajuda a criança a compreender melhor a vida/ Quem é motivado a ler desde pequeno, vai se familiarizando com os livros, se acostumando com o universo da leitura

e um dia ele próprio sentirá a necessidade de ler, buscará a leitura para suprir esta necessidade e se tornará um leitor em potencial quando adulto. ✕

A leitura deve, por conseguinte, fazer parte do cotidiano da criança, pelo menos da vida escolar, todos os dias e quantas vezes forem necessárias e possíveis no dia. Mas deverá ser feita de uma forma lúdica, prazerosa. Entretanto, é preciso lembrar que não basta apenas oferecer material de leitura ao aluno, é preciso proporcionar-lhe um clima de liberdade e de prazer. O que o professor deve conseguir é que eles estabeleçam um diálogo emotivo, compreensivo, crítico e criativo para que os educandos leiam com proveito e gosto.

Alguns professores entendem que os ensinamentos domésticos podem interferir nos sistemas escolares. Sem dúvida, hoje está plenamente aceito o fato que pais e professores dividem a responsabilidade pela educação. Os incentivos em casa desempenham um papel muito importante em despertar o interesse das crianças pela leitura, Diante de tantas teorias, sem dúvida o auxílio dos pais se torna mais fácil para o professor trabalhar a leitura em sala de aula.

•Diante da inquietude relacionada à questão da aprendizagem dos educandos das séries iniciais, da rede pública da cidade de Parnaíba, revela-se a importância de se investigar como o educador vem trabalhando a leitura em sala de aula. •

Para coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: observação não participante (cujo roteiro apresentado no Apêndice B) e o questionário (Apêndice A), que serão apresentados com maior detalhe posteriormente.

Quanto à organização da monografia, estruturamos em três capítulos. O primeiro capítulo versa sobre a metodologia da pesquisa, explicitando a pesquisa qualitativa, instrumentos e procedimentos adotados, bem como a apresentação das colaboradoras da pesquisa e do contexto empírico da pesquisada.

No segundo capítulo, fazemos uma discussão sobre o papel da leitura tanto no cotidiano escolar como no dia-a-dia do ser humano, seu significado, teóricos e teorias, entre outras coisas que assim possam esclarecer qual o verdadeiro papel da leitura.

O terceiro capítulo traz os dados coletados a partir dos questionários e observação, os quais foram interpretados mediante o referencial estudado e análise de conteúdo. Após esses capítulos são feitas as considerações finais a respeito da temática e sugestões para continuidade desta investigação.

CAPÍTULO 1

TRILHANDO E REVENDO OS METODOS UTILIZADOS PARA A PESQUISA SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA

Métodos significa o caminho para chegar a um fim, por sua vez “logos” é estudo sistemático, investigação. Sendo assim, no sentido etimológico metodologia significa o estudo dos caminhos a serem seguidos incluindo os procedimentos escolhidos (Gonsalves, 2007).

Nesta primeira parte, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. Assim, iniciamos discorrendo sobre a abordagem qualitativa e em seguida tecemos maiores considerações acerca dos instrumentos utilizados. Para atender os objetivos da pesquisa utilizamos a observação e o questionário.

1.1. A METODOLOGIA UTILIZADA

A pesquisa é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos e refutar conhecimentos já existentes. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. Pode-se dizer também que o ato de pesquisar é uma investigação e estudos, minuciosos e sistemáticos, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo do conhecimento.

A metodologia é todo o caminho investigativo feito durante a pesquisa, considerando todos os passos, seguidos no intuito de encontrar respostas para as indagações sobre o problema em estudo. Para um melhor resultado no processo investigativo, fizemos uso de diferentes tipos de pesquisa e de instrumentos de coleta de dados, possibilitando com isso, constantes reflexões sobre o objeto de estudo.

Pôdemos dizer que a pesquisa é um conjunto de atividades que visam descobrir conhecimentos novos, de qualquer área ou nível (PRESTES, 2003). Assim, podemos inferir que se trata de um processo que exige da pessoa que busca a resolução de um problema reflexão e senso crítico, pois nos proporciona a oportunidade de descobrir quais as causas de determinado problema.

Para realizarmos um trabalho de cunho científico devemos considerar para escolher o tipo de pesquisa alguns critérios, tais como os objetivos, os procedimentos de coleta, as fontes de informação e, ainda, a natureza dos dados.

1.1.1. A PESQUISA QUALITATIVA

De acordo com Godoy (1995) "A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo".

Sobre a pesquisa qualitativa Oliveira diz:

Por isso, para se fazer uma pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa, é preciso delimitar espaço e tempo, ou mais precisamente, faz necessário o corte epistemológico para realização do estudo segundo um corte temporal – espacial (período, data e lugar). A análise descritiva é recompensável desde a definição do objeto de estudo, passando pela delimitação do lugar, tempo, revisão de leitura e coleta de dados. (2007, p. 39)

A pesquisa que realizamos buscou compreender de que forma os professores do Ensino Fundamental I vêm trabalhando a leitura com seus alunos. A investigação, portanto, foi do tipo qualitativa, pois parte de uma realidade subjetiva que são as experiências de professores de Ensino fundamental. Isso nos leva a dizer que esse tipo de abordagem contempla a realidade com um envolvimento com os sujeitos e o cotidiano do Ensino Fundamental, em que o pesquisador atua diretamente nesse contexto, sem ter distanciamento com o objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa é mais utilizada quando se possui pouca informação, em situações em que o fenômeno deve ser observado ou em que se deseja conhecer um processo, determinado aspecto psicológico complexo, ou um problema complexo, sem muitos dados de partida. Alguns problemas de pesquisa requerem uma abordagem mais flexível, e nestas circunstâncias a aplicação de técnicas qualitativas é recomendada. (SAMPSON, 1991, p. 30)

Ou seja, a presente pesquisa foi feita em uma escola de Ensino Fundamental da cidade de Parnaíba, em que as crianças cujos dados não podem ser quantificados, mas sim interpretados de forma particular, de acordo com a singularidade do contexto.

Os dados coletados foram interpretados mediante análise de conteúdo tanto ao que se referem aos dados obtidos a partir do questionário quanto da observação. Dessa forma, vamos

discorrer sobre cada instrumento utilizado para a identificação das práticas que possibilitam o desenvolvimento da leitura.

1.1.2 O CONTEXTO EMPIRICO

A pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental na rede publica estadual que fica localizada na cidade de Parnaíba-PI, na rua Centenário S/N no bairro Piauí, a Unidade Escolar Dr. João Silva Filho possui o programa mais educação que atende cerca de 120 alunos das nove horas da manhã as quatro horas da tarde e funciona normalmente atendendo os alunos nos turnos manhã e tarde onde funcionam o Ensino Fundamental I e II e a noite funciona a EJA, todos de segunda à sexta-feira e possui sábados letivos também. Atende as faixas etárias que variam 08 à 16 anos.

Essa instituição escolar dispõe de uma estrutura física bastante conservada. No seu quadro geral possui salas de aula amplas e bem arejadas; laboratório de informática; biblioteca, cantina; diretoria; sala dos professores, banheiros masculinos e femininos.

Foram observadas 04 salas de aula, passamos 08 dias observando-as. Dois dias em cada turma, totalizando trinta e duas horas de observação. Foi importante executar a pesquisa na escola por questão de estar localizada no bairro próximo, pelas inúmeras dificuldades para se ausentar e pelo conhecimento da realidade da instituição.

1.1.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA

O foco central desta pesquisa está na prática adotada pelos professores de ensino fundamental no que tange a identificação das ações que as mesmas fazem no seu dia-a-dia para desenvolver a leitura em seus alunos.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada com a colaboração de 04 professores da Unidade Escolar Dr. João Silva, aos quais serão identificados por letras. No quadro 01 demonstramos o perfil das colaboradoras.

COLABORADORA	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE PROFISSÃO
Professor A	Pedagoga	Mais de 25 anos
Professor B	Pedagoga	3 meses
Professor C	Pedagoga	3 meses
Professor D	Pedagoga	1 ano e meio

Quadro 01: Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às professoras

1.1.4. OS INSTRUMENTOS E AS TÉCNICAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Os instrumentos e técnicas utilizados para a coleta de dados no intuito de melhor entender a problemática foram um questionário com perguntas abertas e uma observação não participante. Estes serão posteriormente analisados em busca de uma resposta concreta do tema pesquisado.

1.1.4.1. OBSERVAÇÃO

Levando-se em conta a estrutura (PRESTES, 2003), a observação científica pode ser assistemática ou sistemática. A primeira também chamada de não-estruturada consiste numa observação sem elaboração prévia e instrumento apropriado. A segunda, uma observação planejada ou com mais controle, é realizada com elaboração prévia e exige um planejamento para ser desenvolvida.

a observação não apenas é uma das atividades mais difusas da vida diária; é também um instrumento básico da pesquisa científica. A observação se torna uma técnica científica na medida em que serve a um objetivo formulado de pesquisa; é sistematicamente planejada; é sistematicamente registrada e ligada a proposições mais gerais em vez de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes; é submetida a verificações e controles de validade e precisão. (SELLTIZ, 1974, p. 225).

A operacionalização do método se deu, inicialmente, por meio de uma observação não participante onde o pesquisador não se integra ao grupo observado, permanecendo de fora. Presencia o fato, mas não participa dele, não se deixa envolver pelas situações, faz mais o papel de espectador. Dessa forma este procedimento tem caráter sistemático, quando: “Não reduz totalmente a interferência, uma vez que, por imperativo ético, o observador deve previamente colher a autorização dos elementos do grupo-alvo de observação.” (CARMO E FERREIRA, 1998).

O foco de observação da pesquisa foi à prática das professoras de Ensino Fundamental I em relação as técnicas utilizadas para o desenvolvimento da leitura das crianças, para isso, fomos para as salas de aula durante oito dias.

Para observação em cada sala de aula seguimos o seguinte roteiro: apreciação da aula, quais teóricos são seguidos, tendências metodológicas do professor e os recursos didáticos utilizados. Foram observadas quatro salas de aula, perfazendo um total de observação, sendo dois dias em cada turma, totalizando trinta e duas horas de observação.

1.1.4.2. QUESTIONÁRIO

O questionário é uma técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito a pessoas que tem por objetivo propiciar conhecimento ao pesquisador. As perguntas podem ser classificadas quanto a sua forma da seguinte maneira: perguntas abertas onde o interrogado responde com suas próprias palavras; e perguntas fechadas as quais englobam todas as respostas possíveis.

Assim, o questionário:

É uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento (SILVA; MENEZES, 2001, p.33).

Em nossa investigação utilizamos perguntas abertas onde cada professora pode se expressar de acordo com seu pensamento. Durante a visita para observação na sala de aula, foram entregues aos professores o questionário com perguntas abertas, o qual oportunizou uma reflexão sobre sua prática uma vez que, este tipo de instrumento permite ao entrevistado expressar-se livremente, usando uma linguagem simples e própria.

Entregamos a quatro professoras da escola o questionário. No dia seguinte a observação, todas as professoras entregaram os mesmos respondido.

1.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para melhor analisar e interpretar os dados, a pesquisa foi subdividida em categorias, organizadas nos itens apresentados a seguir:

- A leitura no cotidiano escolar
- O papel do professor na formação do leitor
- A formação leitora: os métodos e estratégias utilizados para desenvolver a leitura

As categorias apresentadas darão suporte para as análises e discussões dos resultados da investigação.

CAPÍTULO 2

A PRÁTICA DA LEITURA

Neste capítulo, discutimos sobre alguns dos principais fundamentos que norteiam e vêm influenciando as práticas pedagógicas dos professores de ensino fundamental no que está relacionado aos métodos utilizados em sala de aula para o despertar do gosto pela leitura. As discussões feitas sobre essa temática são apresentadas segundo os fundamentos de Paulo Freire(2000), Ezequiel Ezequiel Teodoro da Silva (2003), Maia Marly (2007), entre outros.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. (FREIRE, 1997, p. 20)

A leitura vai além da simples decodificação de palavras, mas se estende à todos os setores da vida em sociedade, a partir da interpretação e reflexão dos significados que estas acarretam inferindo as intenções de quem o produz. Nesse sentido, à escola cabe o papel de ensinar a ler, ou seja, formar leitores competentes capazes de compreenderem tanto o que está escrito, como o que está implícito no texto, além de interpretar situações vivenciadas através de atividades que envolvem a leitura.

2.1. UM BREVE HISTÓRICO DA LEITURA

Na pré-história o homem se comunicava através de pinturas feitas em cavernas. Com essa prática o ser humano registrava sua história e representava através dessas pinturas. No desenvolvimento da escrita o homem passa da representação visual para a sonora, fazendo assim, a linguagem adquirir natureza oral.

Na antiguidade, com a oralidade, a escrita passou a ser colocada especialmente a serviço da cultura oral e conservação do texto, onde a leitura era feita por alfabetizados, restringia-se a filósofos e aristocratas.

Nessa época era bastante difundida a prática da leitura em voz alta, isto permitia ao leitor dá vida ao escrito. A leitura oralizada era um hábito de vida em sociedade, em tornar público o texto, pois poucos eram os que sabiam ler.

Existia também, a leitura silenciosa, mas bem menos praticada, esta dava possibilidades ao leitor de ter uma relação mais íntima com o texto, existindo um sentimento de posse por parte do leitor com o escrito. Apesar da predominância da transmissão oral da leitura, o livro passa a existir nessa época como ferramenta importante de conservação do texto servindo para leituras posteriores ou para registro de informações.

Durante a Idade Média a prática de leitura se firmou especialmente nas Escrituras Sagradas e era feita principalmente nos ambientes religiosos: Igreja, claustros e Escolas religiosas. A razão de ser da leitura era nessa época, a salvação da própria alma. O livro dos salmos passou a ser visto como cartilha para se ensinar a ler e escrever, utilizava-se também os livros dos santos.

Passou-se ao hábito da leitura silenciosa ou murmurada, pois assim se assegurava melhor entendimento e compreensão do texto. Esta prática passou a incomodar os dogmatistas e padres cristãos. Os primeiros porque viam nela a possibilidade da preguiça mental, tido como pecado da ociosidade, o segundo por não ter controle do lido, deixando a interpretação livre da censura e condenação.

Entre os séculos XI e XIV passa-se a desenvolver a alfabetização e, com isso, a implantação das escolas, surgindo assim uma nova era na história da leitura, pois o livro ganha definição de um instrumento de trabalho intelectual de onde se chega ao saber. As bibliotecas se organizam como espaço silencioso e destinado apenas ao acesso da leitura.

Nessa época o aprendizado da leitura segue o modelo escolástico que consiste em treinar o estudante a visualizar o texto conforme critérios antes estabelecidos e oficialmente aprovados por meio da inculcação. O conhecer se tornava mais importante que o compreender. Este modelo perde forças na segunda metade do século XV, onde surgem métodos de ensino mais liberais.

Entre os séculos XVI e XIX, as práticas de leitura se vinculam às evoluções históricas, a alfabetização, a religião e ao processo de industrialização. Os leitores passam a ter maior acesso aos livros e estes se tornam efetivamente um instrumento de trabalho intelectual.

Após o surgimento do livro impresso, com o aumento de público, os autores começaram a se preocupar com o que escrever e passaram a lançar novas edições de um mesmo livro com o intuito de atingir mais leitores. Isso leva em conta as competências de leitura e a expectativas de novos leitores.

Na França surgem as fábulas e os contos com a proposta educativa de, com textos simples, tornar a leitura prazerosa e ao mesmo tempo apresentar uma moral, baseada nos bons costumes da época.

Com a valorização da alfabetização e a difusão da cultura cresce a propagação do livro, tanto no campo qualitativo quanto quantitativo. Nascem as livrarias, clubes livrescos e bibliotecas como espaços efetivos de leitura. A leitura nesse século passa a ser valorizada como fonte de lazer, prazer e enriquecimento cultural. “Com a modernidade, a prática de leitura se torna pertinente ao mundo, do trabalho, à vida pública e ao cotidiano da vida privada, uma vez que todas essas relações passam a ser medidas por documentos escritos” (SILVA, 2008, p. 11). A leitura já fazia parte da sociedade e esta não progrediria mais sem ela, assim era imprescindível saber ler para estar efetivamente inserido neste mundo letrado ou ficaria à margem do progresso e desenvolvimento.

No século XIX, com a nova posição de leitura e o uso da imprensa por classes novas de leitores as mulheres passam a consumir livros, especialmente de culinárias, romances e revistas. Outro público surgido nessa época foram as crianças que contavam com obras literárias ainda nos moldes didáticos e fábulas com finais felizes e moralizantes. Os operários também passaram a buscar nas bibliotecas o acesso a livros por prazer. O livro passou, nessa época, a atingir as camadas populares.

(Estamos vivendo a primeira transformação da técnica de produção e reprodução de textos e essa mudança na forma e no suporte influenciam o próprio hábito de ler, além de auxiliar no aprendizado, a tecnologia faz circular os textos de forma intensa, aberta ou universal, e acredito, vai criar um novo tipo de obra literária ou história. (CHATIER, 2009, p. 22)

Nas últimas décadas do século XX, a expansão tecnológica digital e o advento das redes de comunicação virtual computadorizada, possibilitou novas maneiras da realização da leitura, através de discos rígidos, disquetes, CD-Rom, multimídia. Esse novo processo de leitura dá ao leitor maior autonomia na escolha do que ler e mais contato com a diversidade de conteúdos livrescos, o que torna este capaz de realizar o seu desejo de leitura e possibilita aproveitamento maior do conteúdo escolhido.

2.2. AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA NO ENSINO DE LEITURA

Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno. Pesquisas recentes apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro, pois não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante. Já nos alertava Paulo Freire (2000) que leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo.

De acordo com os PCN'S sobre a formação leitora pressupõe que:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (1997, p. 41)

Neste estudo pretendemos relacionar o estudo do ensino de leitura com a lingüística, uma vez que está relacionada diretamente com a capacidade leitora e a formação do falante usual da língua. Nesse sentido, compreendemos que o Brasil possui uma grande extensão territorial e em contrapartida uma heterogeneidade de sua língua. Sabe-se que os limites geográficos estão relacionados à questão da diversidade dos usos de uma língua, ou seja, que o espaço geográfico determina a variação e vice-versa.

Segundo Camacho(1988), “podemos encontrar quatro tipos de variações linguísticas: a histórica, a geográfica, a social e a estilística”.

A primeira variação acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. Para o autor o processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivos. No entanto, a forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala, e finalmente consagra-se pelo uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado.

A variação geográfica se trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. Dentro de uma comunidade mais ampla, formam-se comunidades linguísticas menores em torno de centros polarizadores, política e economia, que acabam por definir os padrões lingüísticos utilizados na região de sua influência. As diferenças lingüísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo.

A terceira variação é a social, que agrupa alguns fatores de diversidade: o nível sócio-

econômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo; o grau de educação; a idade e o gênero. Nesta não há o comprometimento da compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional. Nesse sentido, o uso de certas variantes pode indicar qual o nível sócio-econômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido atingir o padrão de maior prestígio.

E por fim a variação estilística onde considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores. Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas lingüísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia-a-dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação.

As diferentes modalidades de variação lingüística não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre elas: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Observa-se que o meio rural, por ser menos influenciado pelas mudanças da sociedade, preserva variantes antigas. O conhecimento do padrão de prestígio pode ser fator de mobilidade social para um indivíduo pertencente a uma classe menos favorecida.

Com isso podemos ver que a lingüística possui uma grande influencia na formação e aquisição da leitura na criança, visto que as variações lingüísticas podem ou não contribuir em sua aprendizagem. Assim deve-se levar em conta também a qualidade do material didático, se ele condiz com a realidade cultural e lingüística do aluno, pois para se obter uma boa aprendizagem deve-se priorizar a aprendizagem do aluno. Neste sentido interroga-se: do que adianta utilizar um livro culto, se o mesmo não é a realidade do aluno em que ele não vai conseguir interpretar? Assim, acredita-se que, levar em consideração a vida social e cultural do aluno, pode sim ajudar a aprendizagem da cultura escrita, sendo a leitura uma das principais ferramentas para tal aquisição.

2.3 A LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

A leitura é considerada uma forma de subversão da realidade e de desenvolvimento do senso crítico, ou seja, uma fonte de formação de um cidadão consciente. E para isso é necessário um trabalho diário com a leitura. Entende-se que um leitor consciente e crítico necessita entender o que lê e conseqüentemente forma sua opinião a partir do que foi lido.

Durante muito tempo no Brasil, o trabalho com a leitura foi ineficiente e colocada em segundo plano, pois era excluído da prática pedagógica dos educadores uma vez que, não concebiam a sua intermediação como auxílio no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita da criança.

Atualmente, acredita-se que a leitura tem a sua importância e é vista como um dos caminhos de inserção no mundo letrado capaz de ampliar as capacidades do ser humano, como ser cultural, intelectual, entre outras.

Com relação ao desenvolvimento da capacidade de interpretação do leitor Zilberman, comenta que:

Capacitando o ser humano a pensar e agir com liberdade, ainda que mediado pela fantasia e pelo imaginário, a leitura sinaliza o perigo para sociedades ou indivíduos autoritários. Por isso, nunca deixou de ser criminalizada, encarnado a demônio, ou desconhecido temido pelos poderosos. Ao ser-lhe atribuído a propensão a fazer o mal, ela parece comprovar uma eficiência. (2001, p. 38)

Após o fim da ditadura militar as políticas educacionais vêm se modificando, se direcionado ao conhecimento e a cidadania. Observa-se que vários programas de incentivo à leitura e foram criados novos ideais e metas foram estabelecidas para serem alcançadas ao longo do cotidiano escolar, dentre eles destacamos as capacitações pra professores, entre outros programas.

No entanto, ainda existem problemas quanto ao analfabetismo. Mas e onde fica o investimento no ambiente escolar? Do que adianta se ter programas e professores capacitados se o âmbito escolar não favorece a o desenvolvimento das crianças?. Acredita-se ser este um dos déficits da política educacional nacional.

O espaço da escola não é apenas um continente, um recipiente que abriga alunos, livros, professores, um local em que se realizam atividades de aprendizagem. É antes de tudo um espaço educativo. O ambiente escolar é mais do que quatro paredes; é clima, espírito de trabalho, em equipe produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas, ou seja, o espaço onde se deve viajar, gerar ação de novas idéias, sentimentos e principalmente a

busca do conhecimento a curiosidade assim o despertando interesse em aprender.

Além de ser alegre, aprazível e confortável, deve ser um espaço onde os alunos aprendem tirando dele lições para a vida. É verdade que até embaixo de uma árvore se aprende e para algumas coisas é até mais agradável e apropriado, como aprender sobre a terra, o chão, as pedras, uma formiga, o vento, o sol, o frio e observar o movimento circundante. Mas também é verdade que uma sala de aula, um laboratório, uma biblioteca oferecem melhores condições para observar microorganismos num microscópio, resolver uma equação matemática que exige alta concentração sobretudo, ficar algumas horas lendo e analisando um texto. Daí a importância das escolas sejam espaços funcionais, produtivos e produtores de aprendizagem.

Entende-se que o âmbito escolar pode ajudar a despertar o gosto por leitura. Assim, um local adequado, com uma boa iluminação, ventilação e com bastante silêncio. Tais condições, ajudam na concentração favorecendo ao aluno o despertar pelo gosto da leitura e consequentemente a entender o que lê. Temos que lembrar, que a leitura pode ser não só feita em sala de aula e bibliotecas, mas podemos levar em outros locais onde o aluno se sinta a vontade, não esquecendo de usar apenas livros adequados a idade do aluno.

2.4 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Diante dos fatos pode-se ver que a leitura é algo fundamental nos dias atuais, no entanto cabe ao professor (com auxílio dos pais) despertar este hábito à leitura, mas para isso o educador deve ter um suporte teórico, mas nem sempre acontece. Isto é uma realidade, mas a pesquisa não servirá para apontar os erros, mas sim para solucionar ou tentar buscar solução para o problema que tange no quesito aprendizagem e gosto por leitura.

Saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. Por meio de um trabalho sistemático com o texto, o professor pode estar contribuindo para a formação de verdadeiros leitores. O aluno precisa extrair sentido do que lê, ou seja, chegar ao “sentido de discurso”, para, então, perceber que o texto é fonte de prazer e de conhecimento.

O principal desafio dos governos, estabelecimentos de ensino e docentes, é o de levar o aluno ao aprendizado da leitura, escrita e cálculo. Acredita-se que para vencer os principais entraves e deficiências da prática docente não será posto por intermédio de um método mirabolante.

Compreende-se que para despertar o gosto pela leitura o melhor caminho é o entendimento por parte dos docentes e discentes, do fenômeno lingüístico subjaz ao ato de ler. Ler é também uma habilidade lingüística e por isso traz todas as vicissitudes da linguagem verbal.

A compreensão da leitura pode ao primeiro momento ser entendido como, um ato de soletrar, de decodificar fonemas representados nas letras; reconhecimento de palavras para só posteriormente, atribuir-lhes significados ou sentidos. O ato de ler é uma das habilidades mais complexas no âmbito da linguagem.

Então se interroga: qual o papel do professor na formação de bons leitores? Que atitudes devem ser deflagradas para estimular o exercício da leitura.

✕ O primeiro passo, nessa direção, é de o professor ensinar o aluno a aprender a ler antes para, em seguida, praticar estratégias de leitura. Em outras palavras, o docente deve atuar eficientemente diante das dificuldades do acesso ao código escrito, as chamadas dificuldades leitoras.

É papel do professor ensinar o aluno a aprender mais sobre os sons da língua, ou melhor, revelar-lhe como a língua se organiza no âmbito da fala ou da escrita. As dificuldades de leitura, em particular, têm sua problemática agravada por conta da má sistematização, em sala de aula, do estudo dos sons da fala, em geral, mal orientado por pedagogia ou metodologia de plantão.

Assim, um ponto inicial a considerar é a perspectiva que temos de leitura no âmbito escolar. Em geral, os docentes não concebem a princípio no processo de alfabetização escolar, da fala. A oralidade recebe certo desprezo, preconceito por parte da escola sendo que o aluno acaba por investir tais concepções preconceituosas ao seu processo de aprendizagem da leitura tornando fácil compreender as razões da escrita ser um marco de ascensão social ou emergência de classe social.

✕ Para tanto, no ambiente escolar, é indispensável a presença de um professor capacitado e comprometido no exercício de sua profissão. Sabe-se que não se pode construir conhecimentos sem a interferência do outro e, através dessa visão, faz-se necessário, a contribuição das teorias de alguns pensadores para a formação da prática docente, como também o uso de metodologias que direcionem o professor para o processo pedagógico.

Dessa forma, enquanto o aluno “aprende a ler”, estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a sociabilidade e a integração. O gosto de ler, portanto, será adquirido gradativamente, através da prática e de exercícios constantes. Nesse caso, o professor, sendo o principal agente no processo de melhoria da qualidade do ensino, poderá realizar uma série de atividades que favoreçam a aproximação do educando com a leitura, pois ela é a condição essencial para o bom desempenho da linguagem oral e escrita.

* Um professor é o elemento mais importante para o sucesso do ensino da leitura na escola mesmo com carência de materiais, ele saberá o que fazer a fim de produzir situações, significativas de leitura. É claro que a disponibilidade de acervos de textos e livros pode incrementar todos os esquemas de orientação, mas ainda assim é o conhecimento do professor o leme fundamental a dar devido direcionamento às atividades. (SILVA, 2003, p. 33).

O professor, enquanto mediador do conhecimento necessita adquirir e conduzir o aluno a construir seus próprios conhecimentos, porém, o que acontece na maioria das vezes é o descaso, abandonando o aluno à própria sorte. O ideal é que o professor interaja com o seu aluno, identifique suas dificuldades e procure, na medida do possível uma melhor solução para desenvolver um ensino de leitura de qualidade devendo ainda, ser conhecedor da realidade de cada aluno. *

Devem-se criar, no processo de ensino da leitura, oportunidades para desenvolver na criança, o gosto pela leitura e conseqüentemente, desenvolver o seu senso crítico, pois cabe ao professor a tarefa de mediar ao conhecimento de que o aluno tanto precisa adquirir. }

O conhecimento esquemático, isto é, o pré-conhecimento do leitor constitui um fenômeno da leitura quando acrescentado às informações do texto lido. Lopes (1996) torna possível o significado através da interação entre leitor e autor por meio de textos.

A leitura deve ser tratada como interação, concepção mais pertinente de linguagem. Em outros termos, ao ler um texto devem ser considerados aspectos como a intencionalidade do autor, a argumentatividade, a coesão, a coerência e a funcionalidade do texto. Deve-se considerar ainda o seu contexto de produção, bem como o contexto em que será lido. As informações contidas nas entrelinhas devem ser interpretadas e compreendidas de maneira a fazer com que o aluno relacione o texto que está lendo ao seu conhecimento de mundo, além de compreender o sentido como um todo, ao invés de analisar frases isoladas retiradas para exercícios de interpretação, como ocorre com freqüência na prática pedagógica com os alunos.

✓ A formação de um leitor crítico, capaz de desconstruir o sentido de um texto baseado na visão do autor e reconstruí-lo a partir de sua realidade e de seus conhecimentos de mundo, deveria ser o objetivo norteador do ensino de língua materna, fazendo do aluno um co-autor,

um sujeito apto para reconstruir o seu próprio conhecimento.

Entende-se que a formação de usuários competentes da língua e não de meros receptores passivos de informações é consequência da qualidade do ensino de leitura.

2.5 A FORMAÇÃO LEITORA: OS MÉTODOS E ESTRATÉGIAS UTILIZADOS PARA DESENVOLVER A LEITURA

A educação brasileira é uma das pioneiras na elaboração de diretrizes para o seu desenvolvimento e qualificação. Pode-se observar que, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), são tratados os vários aspectos da educação, dando diretrizes de como trabalhá-los e desenvolvê-los na área pedagógica, desenvolvendo as capacidades que julga necessárias para o indivíduo se incorporar na sociedade. A influência do modelo social é muito forte, o que acaba ligando a educação brasileira à sociedade brasileira. Com a leitura não seria diferente, por ser um processo que está dentro do processo de ensino e aprendizagem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim com exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito [...] (BRASIL, 1997, p.5).

A leitura é uma competência importantíssima na aprendizagem, pois através dela o educando adquire e transmite os conhecimentos assimilados por ele. Apesar de o seu desenvolvimento estar mais relacionado ao conteúdo de língua portuguesa, essa competência de ler e interpretar está perpassando todas as áreas de aprendizagem, sendo assim, trabalhada em toda a vida escolar. O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p.21).

Cabe a escola tornar possível o acesso dos educandos aos diferentes tipos de textos presentes na sociedade. Toma-se como exemplo o desprezo de outras disciplinas com o trabalho com textos, por acharem que isso é trabalho da disciplina de língua portuguesa. Fica

bem claro que todas as disciplinas devem sim trabalhar com textos de suas áreas, mas cabe a disciplina de língua portuguesa o trabalho mais sistematizado (BRASIL, 1997). Desse fato, surge a grande novidade dos trabalhos interdisciplinares, que tornam a comunicação entre uma disciplina e outra mais coesa e produtiva para o docente e para o discente. Esse trabalho garante o uso de vários tipos de textos e de várias áreas, proporcionando ao educando a chance de interpretar e expor opiniões sobre vários assuntos. O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (BRASIL, 1997, p.40).

Em se tratando da produção textual observa-se que: “produzir textos escritos coesos e coerentes, considerando o leitor e o objeto da mensagem, começando a identificar o gênero e o suporte que melhor atendem à intenção comunicativa” (PCN, 1997, p. 68). A leitura exige novas habilidades e apresenta novos desafios à criança com relação ao seu conhecimento. Por isso, aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças. A aprendizagem da leitura pode ser considerado um instrumento para obtenção de melhores condições de vida. Sendo que os primeiros passos do hábito de ler cabem a escola ensinar. É importante incentivar a leitura desde cedo assim tornará um ato prazeroso que poderá fazer parte de toda vida. Tornando uma fonte de satisfação pessoal, conquista, realização e valorização a qual servirá de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar.

Aprendem quando se julgam capazes para isso e quando encontram finalidade na leitura. A escola deve partir do que a criança já sabe e fornecer-lhe material com diversos tipos de portadores de texto para que essa criança futuramente seja um bom leitor. E o papel do professor nos primeiros momentos da aprendizagem não deve ser a transmitir conhecimentos, mas seu papel é o de criar.

Levar a criança a perceber a importância da leitura no seu cotidiano, pois irá contribuir socialmente para que essa criança se desenvolva nos aspectos cognitivos, sociais e afetivos. Ler significa conhecer, interpretar e decifrar. Assim o ato de ler é proporcionar ao leitor a compreensão do texto, em que o leitor constrói o seu próprio entendimento sobre o assunto, sendo a leitura válida somente quando assimilada. O despertar para a leitura de maneira agradável ou não, dependerá da forma que esta é proposta.

Leitura não é apenas uma das ferramentas mais importantes para o estudo e o trabalho em um mundo onde cada vez mais os meios de comunicação dominam o interesse das novas

gerações. Nesse sentido os pais frequentemente devem se preocupar em criar nas crianças o hábito da leitura.

Pessoas que não são leitores têm a vida restrita a comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes. É nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares e com eles, abrir a cabeça. Por isso incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos, mas é trabalhar pela sustentabilidade do planeta ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade formando assim cidadãos cultos e críticos. Enfim, o conhecimento é uma das "ferramentas" para se conquistar oportunidades de trabalho e renda. Assim, aos professores, cabe a responsabilidade de fazer com que seus alunos se interessem pela leitura e pela escrita de diferentes textos e que sejam capazes de interpretar o que lêem.

É comum vermos cantinhos de leitura nas escolas, com a intenção de proporcionar aos alunos o hábito da leitura, bem como oferecer livros de qualidade. Estes são montados com uma prateleira de livros, um tapete e alguns almofadões dispostos, criando um clima de tranquilidade.

Porém esse espaço não deve apenas ficar delegado ao gosto do aluno, mas também à intencionalidade do professor, à proposta pedagógica da escola, que são pontes entre o estudante e o conhecimento.

A simples montagem desses cantinhos não garante o interesse dos alunos pela leitura, nem a formação de leitores assíduos. É interessante que o professor repense a prática dessa atividade, percebendo os aspectos mais importantes para se criar o gosto pelo ato de ler. Deve pensar e refletir sobre que tipo de leitor se pretende formar, se os livros ali dispostos são do interesse dos alunos, como será a avaliação daquele momento, etc.

Para tanto, é necessário que se tenha conhecimento de que a leitura é um instrumento que nos permite a construção de sentidos, e serve como uma prática social que deve ultrapassar os muros da instituição escolar. Assim, permitirá ao homem agir, bem como interagir dentro do seu meio social

Nesse contexto, Silva (2005, p. 24) comenta:

[...] a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida. Por isso mesmo, considerando as contradições presentes em nossa sociedade, uma concepção de leitura não pode deixar de incluir movimentos da consciência, voltados ao questionamento, à conscientização e a libertação.

O ponto ao qual se quer chegar trata-se do fato de que a prática de leitura hoje, muitas vezes, é limitada à escola. Nossos educandos a têm como uma obrigação, e que ao sair da sala de aula, já se está livre dessa. Percebe-se que isso é fruto de uma metodologia que direciona o trabalho com a leitura de modo não significativo, sem ressaltar a importância da mesma enquanto prática social.

Não esqueçamos da leitura feita em voz alta, sempre que o professor lê para a turma, revela as múltiplas possibilidades que os textos oferecem. A leitura, como prática social, pode ser ensinada em situações em que a turma toda participe, comentando o que foi lido, levantando e explicitando hipóteses, debatendo ideias. Uma leitura feita em voz alta e dando vida aos personagens pode tornar-se prazerosa tanto para quem está lendo como pra quem está ouvindo, isso aguça a curiosidade do aluno, um livro bem interpretado pode ser bem visto pelo aluno, isso provoca ele a pensar e imaginar, logo ele terá uma boa interpretação. A leitura é um momento mágico, pois o interpretante (no caso o professor) informa à criança, ao efetuar essa ação aparentemente banal, que chamamos de 'um ato de leitura', que esses sinais têm poderes especiais: basta olhá-las para produzir linguagem.

É preciso, porém, ter em mente a intenção da leitura. Não basta simplesmente fazer uma sessão por dia sem propósito comunicativo. Quando o professor lê, tem de considerar sua ação como prática social que entretém, emociona, informa e diverte. Mas também deve estar ciente dos objetivos didáticos a que ela se destina.

O professor deve mostrar aos alunos que gosta, também de ler, além de proporcionar oportunidades de leituras diversas, isto é, fora do livro didático.

Nesse contexto Martins (2005, p. 34) acrescenta:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá [...].

Convém lembrar que é, de fato, no contexto escolar que a criticidade do aluno – que é também um cidadão – se forma. Por sua vez, o educador é o responsável em estimular nos alunos seu senso crítico. Silva (2009, p. 31) comenta que “o aprimoramento das competências em leitura crítica estão condicionadas ao tipo de atmosfera que prevalece nos contextos escolares”.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE O CAMINHO PERCORRIDO

Neste capítulo examinaremos os dados coletados através do questionário, com o qual contará com as informações obtidas na observação. Para a análise dos questionários faremos uma análise reflexiva da observação feita em sala de aula. Comentaremos as respostas dos docentes com base nos teóricos que nortearam este trabalho. Com o intuito de facilitar o exame do resultado do nosso trabalho, optamos por criar algumas categorias, que foram analisadas individualmente.

3.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Foram realizadas para esta análise quatro perguntas sobre o tema da pesquisa, a mesma foi aplicada a quatro professores com o objetivo de saber a concepção que estes têm sobre leitura e perceber como eles desenvolvem esta prática em sala de aula, aos quais denominaremos por: A, B, C e D, a fim de mantermos sua verdadeira identidade em sigilo. Obedecemos às seguintes categorias

Categoria 1 - A leitura no cotidiano escolar

Ao serem questionados quanto a frequência com que se é trabalhada a leitura, os educadores respondem:

Professor A: Duas ou três vezes na semana

Professor B: Todos os dias eu trabalho leitura em sala de aula, mas ela se intensifica 2 vezes por semana

Professor C: Toda semana

Professor D: Todos os dias é trabalhada a leitura em todas as disciplinas. Mas nas aulas de português é trabalhada essa parte com mais profundidade.

Vemos que alguns professores sabem da importância do ler diariamente. A leitura é a ferramenta necessária para formar cidadãos críticos, senso crítico é algo que deve ser começado a se trabalhar exatamente na infância, para ser despertada a criatividade dos educadores e tem que ser utilizado os mais variados tipos de textos, desde revistas em quadrinhos até textos científicos mais complexos.

Nas observações foi notório o uso por alguns educadores de textos para explanação de assuntos, pôde-se ver que alguns deles trabalham com a interdisciplinaridade onde o educador faz uso do um único texto para poder explanar diversos assuntos, quando Martins (2005, p. 82) comenta que “para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”. Assim, o interesse pela leitura deve vir do próprio educando.

E ainda com relação a prática da leitura em sala de aula questionamos quanto ao espaço físico da escola, ou seja, se a escola oferece espaço propício para se trabalhar com os alunos os educadores responderam:

Professor A: Sim. Temos um pátio grande e uma biblioteca cheia de bons livros.

Professor B: Não, na escola não tem sala de leitura, então o professor é que cria esse momento dentro da sala de aula.

Professor C: Tem biblioteca, mas é pouco utilizada, os trabalhos acontecem mais em sala de aula.

Professor D: Tem a biblioteca, mas o espaço é insuficiente. Dessa forma, a sala de aula é o único lugar para esse tipo de método.

Sendo assim, os pensamentos os professores B e D estão pertinentes às idéias de Silva (2005), onde comenta que um bom educador, que atua de forma a criar condições propícias às práticas de leitura reflexiva, são consideravelmente maiores as probabilidades da formação de bons leitores.

Vemos que um dos professores ressalta a questão do pátio, quem disse que necessariamente leitura só pode ser feita em sala de aula e/ou biblioteca? Silva (2003) comenta que “escritores através dos livros, histórias e textos que eles escrevem e recriar para si, pela fantasia, os enredos e mundos diferenciados são funções primordiais dos educadores comprometidos com a mudança social da escola”, logo cabe ao educador criar, recriar e inovar o método de dar aula, que tal uma aula no pátio? Talvez nos arredores da escola ou em um campo, praça. Isso é uma maneira diferente de se dar aula e de torna o ato de ler uma forma agradável. Nas observações notou-se que a escola possui um espaço amplo, muitas árvores, um pátio enorme e uma biblioteca com muitos livros novos.

Categoria 2 - O papel do professor na formação do leitor

Quando perguntamos sobre a sua pratica como leitores, os educadores responderam:

Professor A: Nem tanto

Professor B: Sim, o professor é um eterno aprendiz, então ele deve estar sempre atualizado, informado.

Professor C: Sim

Professor D: Sim. A leitura não se encontra somente em textos de livros, sendo assim estou sempre em contato com diversas formas de leitura

Como sabemos o professor é o espelho dos alunos e só podemos ensinar algo quando sabemos e praticamos, por exemplo: como posso dar aula de xadrez se não jogo?. A mesma coisa funciona com leitura, como posso ensinar a ler se ao menos eu não sou um bom leitor? É preciso, então, um professor-leitor, que compartilhe com os alunos o maravilhoso mundo dos livros. É preciso que os professores conheçam a literatura, as obras, os autores, que saibam selecionar textos e tenham se apropriado do conhecimento para estabelecer, com os alunos, as relações possíveis. Sobre isso Barbosa diz:

Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura. (1994.p.138.)

O professor leitor precisa conversar sobre o tema escolhido, informar a biografia do autor, sua origem; tais aspectos são fundamentais para situar a importância do contexto proposto ao texto.

Categoria 3 - A formação leitora: os métodos e estratégias utilizados para desenvolver a leitura

Ler diariamente para os alunos é uma atividade imprescindível para criar-se o hábito de leitura.. A leitura só despertará interesse quando interagir com o leitor, quando fizer sentido e trazer conceitos que se articulam com as informações que já se tem.

Ao serem questionados sobre quais atividades eram utilizadas para desenvolver a leitura em seus alunos, os educadores entrevistados responderam o seguinte:

Professor A: Fazendo roda de leitura. Trago vários livros. 1º conversa sobre o texto e sobre o autor. 2º cada aluno lê silenciosamente e depois oral, individual, em grupo ou até mesmo compartilhada (livros de obras)

Professor B: Rodas de leitura compartilhada e individual

Professor C: Trabalhamos com diversos tipos de textos, distribuí-se os textos propostos, em seguida eu, acompanhada da leitura discutimos os mesmos, os alunos comentam, interpretam e reescrevem com suas próprias palavras. E sensibilizamos com vídeos também.

Professor D: Rodas de leitura, com leitura coletiva, leitura pessoal. São usados textos dos livros didáticos e outros tipos de texto e com esses são trabalhadas várias

formas,(interpretação, reconstituição e produção) estimulando sempre a leitura e a escrita.

Notamos com a fala dos professores que todos trabalham a leitura fazendo roda de leitura, leitura silenciosa e a leitura coletiva, cabe lembrar que a leitura compartilhada em voz alta pelo professor incentiva o interesse, o gosto de ler.

Lendo diversos gêneros e portadores textuais, ouvindo contos, notícias, poemas, textos informativos, histórias em quadrinhos é que oportunizaremos o acesso a tudo o que a escrita e a leitura representa, dentro e fora da escola.

Portanto, na formação de leitores, é necessário dominar as diferentes estratégias de leitura, para adequá-las aos diferentes objetivos e situações presentes no mundo letrado. O domínio das estratégias de leitura decorre de uma prática viva do ato de ler de um lado, vivenciando os diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais de outro, respondendo aos diferentes propósitos de quem lê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se na temática que foi abordada e discutida ao longo desse trabalho, podemos dizer que a leitura é um elemento extremamente importante para o indivíduo viver em sociedade é imprescindível a valorização de trabalhar a leitura interpretativa de maneira que esta possa contribuir para o amadurecimento do aluno como leitor competente, sabendo inferir e interagir de forma completa com o texto lido.

* Podemos perceber que nossas escolas oferecem hoje aos educandos apenas o mero decodificar de sinais linguísticos, e esse ato não pode ser considerado como leitura, mas sim o primeiro passo para se chegar, com êxito, a ela. É necessário, pois, que haja em nossas instituições escolares – por parte dos professores – um trabalho mais planejado com a leitura crítica, e que exija do aluno maior reflexão, para assim formar-mos leitores realmente capazes de entender, de fato, o mundo que os cerca; não esquecendo também da qualificação, o professor investir em si, no alto conhecimento.

É evidente que o professor precisa ter plena consciência da importância do hábito de ler no contexto escolar. Entretanto, isso só não basta. Esperamos desse, um trabalho pautado na criticidade, seguido de uma prática estimulante e dinâmica, isto é, que crie condições para o despertar do senso crítico do alunado, uma vez que a escola é tida como o principal responsável ao incentivo da leitura.

Dessa forma, os educadores têm que ir além da teoria, mostrando ao seu aluno que é, também, um leitor e que o hábito de ler é imprescindível para a vida, uma vez que nos deparamos com textos escritos a todo momento, seja dentro ou fora do contexto escolar.

* Com o resultado que obtivemos nesta pesquisa conseguimos comprovar que muitos educadores lecionam, ainda, de maneira arcaica, submetendo seus alunos às mesmices do livro didático, ou melhor, aos fragmentos de textos do livro didático que, por sua vez, é muitas vezes, o único recurso utilizado na sala de aula. Assim fica muito difícil a formação de um leitor que consiga autonomia e criticidade mediante as leituras que realiza.

Tendo em vista os aspectos mencionados, consideramos que este trabalho de pesquisa, que abordou a leitura como temática, nos proporcionou uma gama de conhecimentos que serviram de base para concluir-mos que o hábito de ler é uma necessidade dentro do âmbito escolar e que faz parte da vida das pessoas.

Assim, este estudo serviu de subsídio para que houvesse uma reflexão – por parte de toda a comunidade escolar – sobre a importância de uma metodologia que vise despertar o

senso crítico do aluno. Para tanto buscamos saber dos próprios educadores qual a sua real concepção de leitor crítico, bem como verificar as estratégias de leitura adotadas no cotidiano escolar..

Esperamos que com essa abordagem seja feita uma reflexão acerca da leitura interpretativa e que ela contribua de forma despretensiosa, porém significativa para incentivar os estudos que dizem respeito ao papel do professor na prática da leitura interpretativa em sala de aula. Esta almeja contribuir para que outros profissionais da área possam refletir sobre o trabalho que fazem em sala de aula e como melhorar a prática da leitura no ambiente escolar

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

CAMACHO, R. (1988). **A variação lingüística**. In: *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, p. 29-41.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela. **Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem**. Universidade Aberta, Lisboa, 1998, pág. 106.

CHARTIER, Roger. Especialista da História da Leitura. **Escola**. Brasília, s/v. nº 220, 22-24. mar.2009

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2000

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 16ª ed. São Paulo: Olho D'Água, 2006

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2; p. 57-63, abr.1995.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. ed. São Paulo: Alínea, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996;

OLIVEIRA, Maia-Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2 ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

SAMPSON, Peter. Qualitative research and motivation research. In: **Consumer Market Research Handbook**. 3rd Edition, Amsterdam: ESOMAR, 1991

SELLTIZ, Claire et alii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder/EPU, 1974.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica**. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

_____. **Elementos da Pedagogia da Leitura**. 3. ed. São Paulo:

Martins Fontes, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?**. São Paulo, Ed. SENAC, 2001.

APÉNDICES

APÊDICE B**ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

I. RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS (Uso do quadro, de textos, livro didático, apostilhas, equipamentos, recursos audiovisuais, realizadas, etc.)

II. TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS DO(A) PROFESSOR(A) (Se os métodos, técnicas e outros procedimentos do professor no trabalho com os conteúdos se dão dentro das abordagens tradicional, estrutural, cognitiva ou comunicativa, ou de forma eclética).

III. QUAIS TÉORICOS SÃO SEGUIDOS. (Saber a linha que o professo segue, quantos e quais são as teorias seguidas por ele, etc.).

V. APRECIÇÃO DA AULA (Observar se a sala de aula possui um cantinho da leitura. Com que frequência à leitura é trabalhada. Se a professora costuma contar histórias para seus alunos. Quais os métodos que ela utiliza pra estimular e trabalhar a leitura.)